



134

A. *Crocus sativus* L.

Echter Safran.

B. *Crocus vernus* L.

Frühlings-Safran.

COMEÇOU A SE PREOCUPAR COM A PRÓPRIA MORTE quando passou dos sessenta anos. Como não fumava nem bebia, não imaginou que pudesse ter algum problema de saúde. Ao lembrar que seus pais morreram com menos idade do que tinha agora (e era estranho pensar em si mesmo como sendo mais velho do que os próprios pais), aquele pensamento começou a germinar. Quando leu numa pesquisa que a expectativa de vida do brasileiro era de setenta e cinco anos e concluiu que estava ficando mais perto do fim do que do começo, aquela idéia floresceu. Mas, por algum tempo ainda, preocupar-se com o significado de chegar ao fim da vida era apenas um pensamento, entre muitos, a ocupar sua mente. Até o momento em que se tornou seu *único* pensamento.

A idade chega para todo mundo, é claro. Mas não foi isso que o despertou. Um amigo – dos poucos que conseguira manter conforme era tomado pela rabugice com o passar do tempo – sugeriu que o medo crescente do próprio fim fosse um óbvio reflexo da perda da esposa. Ele concordou, era bem provável que fosse. No fundo, sabia que não era verdade. Em todo caso, sempre fora um solitário. Se havia pensamentos e aspectos de sua vida,

de suas preocupações, de sua alma, que reservara para si e não compartilhara com a esposa, os anos e a idade só fizeram aumentar – a tal ponto que, a certo momento, mantinham-se casados não por amor, por apego à rotina ou à instituição tradicional do casamento. Viviam juntos por inércia. A morte da esposa – sentada no sofá, assistindo à novela de fim de tarde, tricotando – era emblemática: morreu por não ter muito mais o que fazer. Ao menos, foi assim que ele interpretou a situação ao chegar em casa, vindo da universidade, e a encontrar sentada, tranqüila e morta. Sequer se desesperou como supôs que faria naquela situação. Publicou um anúncio no obituário, recebeu as condolências dos amigos, deu a ela um enterro sóbrio e honroso. Não haviam tido filhos.

Não, não foi a morte da esposa. Não foi perceber a ausência dela. Não foi a casa vazia. O que lhe despertou para aquilo que se tornaria sua obsessão foi perceber a ausência *nele*. Foi quando começou a se questionar que marca deixaria no mundo. O que havia feito até então que valesse a pena? O que fizera Eduardo Rotgeller, em toda sua vida, que fosse digno de ser lembrado? Para onde foram todas aquelas idéias, os projetos, as viagens a realizar? Quando foi que os planos para o futuro e os lugares que sonhava conhecer passaram a ser vistos como uma mera curiosidade distante, como se a sua própria vida fosse um livro ou uma peça escrita por outra pessoa, situações que você sabe que nunca vai viver, lugares que

sabe que nunca vai conhecer, o único elo com a realidade sendo a frustração de coisas nunca concretizadas?

Agora, claro, não era um bom momento para pensar nisso.

Sozinho na mata, gritando para qualquer um que pudesse escutá-lo, numa noite fria e chuvosa de inverno, sem nenhum senso de direção e molhado e gelado até os ossos, e algo lhe dizendo que aquela noite seria sua última, voltou-lhe aquela sensação estranha de “agora ou nunca” que vinha sentindo desde o início da semana.

Viu uma luz difusa entre as sombras das árvores e da mata fechada e acreditou ter finalmente encontrado o carro. Correu naquela direção e, quando notou, havia saído do meio das árvores – não era a lua que estava encoberta pelas nuvens, mas a copa das árvores que, de tão entrelaçada, bloqueava qualquer tênue possibilidade de luz. E, de fato, no topo do descampado, viu que o carro reinava silencioso, com os faróis que foram esquecidos ligados. Ele correu, um vulto manco derrapando na grama dura e quebradiça de geadas, pensando por favor, se esqueceram os faróis ligados, que tenham se esquecido também de trancar as portas. Sim, estavam destrancadas, ao menos em algum momento de um fim de semana de completa má sorte algo estava a seu favor. Abriu a porta, deitou-se no banco traseiro e, por algum motivo, trancou o carro. Não sentia mais as pontas dos dedos dos pés ou das mãos, tanto era o frio. Não enxergava muito bem, pois perdera os óculos no caminho. Não sentia mais o

nariz nem as orelhas. Não tinha pena do que acabara de morrer nem preocupação com os outros, perdidos.

Só sentia frio.